

Cinema em versão original legendada (em galego)

Nas sociedades ocidentais, cada vez é maior o número de indivíduos interessados no multilinguismo. Detrás deste interesse polas línguas esconde-se também uma curiosidade crescente por outras culturas, sistemas de pensamento e modos de organização social. Dado que cada vez são mais os indivíduos que mostram tais inquietudes, acho que chegou o momento de discutir abertamente os argumentos em defesa da tradução por subtítulos frente a dobragem de filmes. A dobragem, entre outras cousas, é mais cara, fomenta o imperialismo cultural, trava o acesso à aprendizagem de novas línguas, amputa uma parte importante do filme como obra artística, etc. Analisemos um pouco mais em pormenor estes e outros argumentos.

A técnica da dobragem, em comparação com os subtítulos, é muito mais custosa. Segundo alguns estudos sobre o tema, dobrar um filme custa quinze vezes mais do que subtítular. Esse elevado gasto repercute no preço dos bilhetes, afecta o volume de publicidade dos canais de televisão e ao preço dos DVDs de venda e aluguer.

O que habitualmente entendemos por "imperialismo cultural" é a tendência a estender mentalmente ao resto do mundo os princípios e costumes que governam a cultura própria. O cinema, como qualquer outro objeto cultural, tende a ser um instrumento óptimo para eliminar todo tipo de imperialismo provinciano. Através dos filmes, os espectadores podem olhar para culturas diferentes e estabelecer comparações que enriquecem a sua visão do mundo. Infelizmente, na tradução de filmes, a dobragem é o instrumento activo da visão imperialista. A capacidade para captar outras facetas da realidade perde-se ou atenua-se com a dobragem. Priva-se ao espectador do estranhamento cultural que produz a diferença linguística. A mensagem subliminal que envia a dobragem é: "a minha língua fala-se em todo o mundo".

Um filme dobrado exige ao espectador um esforço cognitivo inferior em comparação com o cinema subtítulado. O espectador modelo dum filme dobrado tende a ter uma atitude mais passiva, menos atenta, mais distraída. Vê-se, portanto, puxado a apreciar o filme como objeto de consumo e entretenimento e não como obra artística plena. Além disso, a dobragem abusiva de filmes, documentários e entrevistas reduz brutalmente o número de contextos úteis para a imersão linguística. Esta situação prejudica injustamente a todos aqueles interessados em desenvolver as suas capacidades de aprendizagem de novas línguas, assim como a aqueles que, já conhecendo uma língua, querem manter e não perder esse conhecimento.

Por último, não posso deixar de dizer que a dobragem oculta um elemento fundamental da obra: a voz dos actores. É difícil saber qual é a contribuição real das diferentes propriedades da voz dum actor (tom, entoação, dicção, ritmo,...) no seu desempenho interpretativo. O que é certo é que esta contribuição costuma ser necessária para poder apreciar, sentir e valorar o filme como obra artística. Sem um acesso directo às vozes originais, perdemos para sempre uma faceta do trabalho do director. Os filmes dobrados são objectos culturais que foram sistematicamente amputados. O grau de amputação é muito mais grave e perverso do que o produzido pela censura. A dobragem não é outra coisa que uma censura sistemática que distorce a obra artística, impedindo assim que o director possa transmitir a sua mensagem de forma plena ao espectador.

Porém, contra todos estes argumentos, os defensores da dobragem insistem em afirmar o seguinte:

"se leio não vejo o filme, e se vejo o filme não leio"

Os apoiantes dos subtítulos, acostumados a este tipo de comentários, sempre respondem da mesma maneira:

"após 20 minutos vendo o filme, já não te das conta que estás a ler"

Esta última resposta põe de manifesto que possuímos umas imensas capacidades cognitivas que é bom utilizar e desenvolver. Sugerir que não se pode ver o filme e ler os subtítulos ao mesmo tempo vai em contra duma realidade inquestionável: na maioria dos países do mundo (que são os que subtitulam), os espectadores lêem e vêem o filme ao mesmo tempo. De facto, para estes espectadores as duas actividades, ler e ver, confundem-se num único processo perceptivo integrador.

Apesar de que estes argumentos são dificilmente refutáveis, sou consciente de que a grande maioria dos espectadores espanhóis preferem a dobragem. Ante esta realidade, não seria sensato nem nada democrático exigir que esta desaparecera, além de não ser comercialmente viável. No entanto, é um dever dos poderes públicos tentar satisfazer as demandas de todos os grupos sociais. Existem muitas maneiras de poder satisfazer, mesmo parcialmente, os requerimentos do grupo de pessoas que querem ter acesso às versões subtituladas dos filmes. Em Navarra, o partido Aralar apresentou uma moção, aprovada por todos os grupos do Parlamento da comunidade, para instar ao governo de Zapatero a que promova que as televisões emitam programas e filmes em versão original subtitulada em horários de máxima audiência. Isto é um bom começo. Mas há ainda muito caminho por percorrer. Aqui na Galiza, o governo da Xunta poderia começar por promover quotas de cinema subtitulado em galego nas salas comerciais. Seria uma medida que ajudaria, não só a promover a versão original, senão também a normalizar a nossa língua nos âmbitos da cultura e do ócio.